

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

António Alberto Martins

registada em 2009-02-02
por

Jenny Campos e Susana Pires

António Alberto Martins

António Alberto Martins, o Mina, como é conhecido por ser o diminutivo pelo qual chamava a sua mãe, nasceu a 10 de Outubro de 1927, na Benfeita. Filho de José Augusto Martins e Maria Guilhermina. O pai era barbeiro mas ficou conhecido por se ter dedicado muito à enfermagem, “o meu pai ficou autorizado pelos médicos para lhe dar assistência, para lhe dar os medicamentos, para dar injeções, isso tudo”. A mãe trabalhava na agricultura. Depois da escola, onde fez o exame da quarta classe apesar de ter estado dois anos sem escola, dedicou-se a barbeiro com o pai “criámos até uma oficina e barbearia”. Mais tarde foi para os correios “mas só nas folgas e andei 12 anos para fazer dois anos de serviço efectivo”. Namorou pouco tempo, “mas eu já a conhecia. Eu era sacristão e ela ia à Igreja.” Casou no dia 11 de Fevereiro com Maria do Rosário Simões, “sou casado há 56 anos”.

Índice

Identificação António Alberto Martins.....	4
Ascendência A família.....	4
Infância "Brincava-se a muita coisa".....	7
Educação O tempo de escola.....	7
Religião "Fiz a catequese e a Primeira Comunhão".....	8
Casa Uma casa para a família.....	8
Ofício Uma vida de trabalho.....	9
Namoro "Já conhecia a prenda".....	10
Casamento "Sou casado há 56 anos".....	11
Descendência Rogério, António e Bruno.....	12
Lugar Benfeita.....	14
Quotidiano O dia-a-dia.....	19
Sonhos "Não sonho nada".....	20
Avaliação "Serão de importância para nós".....	20

Identificação *António Alberto Martins*

O meu nome completo é António Alberto Martins. Só que sou conhecido pelo Mina pelo seguinte: a minha mãe era Guilhermina e perguntavam-me:

- "Eh pá, como é que se chama a tua mãe?"

- É Mina.

Eu não alcançava o nome de Guilhermina.

- É Mina.

É Mina e ficou Mina. Desde que nasci até agora sou conhecido pelo Mina, mais ainda que pelo meu nome.

Nasci a 10 de Outubro de 1927. Nasci numa casa na Benfeita, era a casa dos meus pais.

Ascendência *A família*

Os meus pais eram muito estimados



Maria Guilhermina e José Augusto Martins, pais de António

A minha mãe chamava-se Maria Guilhermina. O meu pai era José Augusto Martins. Eram daqui.

O meu pai foi barbeiro muitos anos. Quando foi para a Grande Guerra de 1914/18, foi para a companhia de saúde, em Coimbra, depois foi para a França. E então lá esteve e dedicou-se muito à enfermagem. O meu pai, segundo ele dizia, era ajudante de enfermeiro. Ia à cama do doente e o médico deixava um diagnóstico pendurado na cabeceira da cama e o meu pai toca de escrever. O doente melhorava e o meu pai tomava nota daquele medicamento. Então o meu pai quando veio da França dedicou-se a dar injeções, foi-se dedicando, foi estudando, estudando, isto é, vendo coisas que tinha nos livros e então aprendeu. Dedicou-se à enfermagem de tal ponto que os próprios médicos iam visitar um doente, chamavam-no para ele os auxiliar. O meu pai chegou ao ponto de auxiliar os médicos até em partos. E não só. Houve aqui uma epidemia muito grande aqui numa povoação em cima. Morreram muitas pessoas. E o meu pai ficou autorizado pelos médicos para lhe dar assistência, para lhe dar os medicamentos, para dar injeções, isso tudo. Porque havia uns médicos em Côja, e o meu pai dava-se muito bem com esses médicos e eles também precisavam dele e então autorizavam-no.

O meu pai chegou a correr essa serra toda, não só na freguesia da Benfeita como na freguesia da Moura e até na freguesia da Teixeira o chamavam para ir visitar os doentes.

O meu pai dedicou-se de tal forma àquilo, chegava lá, via o doente.
- "Tem isto, tem aquilo."

Auscultava. E receitava medicamentos. Era um homem com uma certa calma, e era querido aqui nesta redondeza toda. Era querido como um médico.

A minha mãe trabalhava na agricultura. Nos terrenos que tínhamos na barroca. E lá os temos. Uns estão de relva. A minha mãe dedicava-se de tal forma que os próprios vizinhos adoravam. A minha mãe era muito estimada. Depois tinha na povoação de Monte Frio, tinha lá família. Porque os meus avós, o pai do meu pai e o pai da minha mãe, eram de lá, de Monte Frio.

Eu cheguei a pontos de não saber quem eram meus parentes. Era do fundo da povoação até ao cimo, toda a gente:

- "Primo isto, primo aquilo."

Eu ia lá de pequenito com 6-7 anos. Íamos lá às festas, porque o meu pai era muito estimado, não só por pessoas de família, como por toda a gente.

O meu pai tinha aquele dom, chegou a ter uma espécie de um consultório onde tinha algodão, álcool, xaropes, essas coisitas assim. E agora até é a minha

nora a tomar conta disso. A farmácia fornece-lhe e ela vende aqui às pessoas que ela entende que precisam deles.

"Dávamo-nos muito bem, eu e o meu irmão"

Tinha um irmão. Tinha e tenho. Está em São João do Estoril, em Lisboa. Mais novo, tem 11 anos a menos que eu. Dávamo-nos muito bem.

O meu irmão foi para a África com 11 anos. Com umas pessoas de família, amigos, lá o encaminharam e ele viveu lá até à restauração daquilo. Viveu lá, teve lá comércio e depois como Moçambique mudou de rumo, ele regressou. Depois tinha três filhos, e agora já tem netos. Vieram para Portugal e estabeleceram-se em São João do Estoril e lá tem a casa dele, tem o comércio e lá vivem.



Maria Guilhermina e José Augusto Martins, pais de António e irmão

Infância "*Brincava-se a muita coisa*"

Quando era criança brincava-se a muita coisita. Um jogo era à cocha. A cocha era o seguinte: a gente andava na escola e fazia-se no largo com uma cova e a gente ia com um pau e com um latão qualquer. Pancada daqui, pancada dali e aquele que metesse para a cova ganhava. O que perdia, a gente agarrava-lhe nele abraçado, púnhamos uns paus atravessados e sentava-lhe o cú na cova. Era as nossas brincadeiras. Era corrermos atrás uns dos outros, depois havia um que, ou corria menos ou qualquer coisa, era abraçado pelos outros. Depois esse mudava de rumo, era ele que ia correr com a gente.

Educação *O tempo de escola*

Um ano estive aí um professor novo que era muito reinadio, era um tipo com uma certa categoria e pensou um dia em arranjar uma corda. E pensou em pôr tantos dali, tantos daqui. E a puxarmos no largo do areal, chama-se o largo do areal. Então a certa altura a minha equipa estava a perder e eu fiz sinal aos colegas:

- Rapazes, larguemos a corda!

Devagarinho, largamos a corda. Os do outro lado caíram todos uns em cima dos outros. O professor, tinha-se metido lá para, para os auxiliar, os da terceira e da quarta. Ah professor do diabo, caiu também de "cambarela" para o meio do chão. A gente ria, ria que chorava. Ao depois dizia assim o professor:

- "Bem feito. Não me fosse eu lá meter."

Porque a gente não perdeu. Perdemos e não perdemos. Eram 20 ou 30, os da primeira e segunda e terceira e quarta. E o professor que se meteu a favor deles. Chamava-se José Carvalho Duarte. Foi meu professor até à terceira. Primeira, segunda e terceira.

Mas andei lá mais tempo. Tive dois anos sem escola. Quer dizer, um ano não houve professor, depois está claro, atrasei um ano. Depois esse professor deixou-me na terceira. O outro professor, que estive cá dois anos, não me passou da terceira. No ano a seguir continuei, na quarta classe. E aí consegui, o professor era um professor daqueles! A gente ia para o quadro fazer um problema, nós resolvíamos da nossa cabeça. Mas ele, tinha um livro com a resposta, da pergunta que fazia. Quer dizer, nós tínhamos que resolver o problema no quadro, sabermos se estava bem ou não. Ele para saber se estava bem o problema, ia ver àquele dicionário. Era um professor assim rasca.

Depois eu mais dois colegas daqui da Benfeita, os outros eram das Luadas, do Pai das Donas, dos Pardieiros... E os nossos pais, meu e dos outros dois colegas que éramos daqui, pediram uma professora para nos auxiliar. Porque ele era o tal professor rasca e nós quando os da primeira e segunda saíam, nós aulinha para ela nos explicar. Pelo meio dos outros, embrulhamos e toca a fugir. Íamos para a escola das raparigas. E aí é que eu aprendi mais os outros colegas, pelo menos os daqui. Até que um dia houve um tipo que disse ao professor:

- "Ah, é uma vergonha senhor professor! É uma vergonha os seus alunos vão para a escola das raparigas, os daqui."

- "Hã? Hã? Eu tenho que os cancelar, tenho que os segurar e tal."

E digo eu assim para os outros:

- Espera aí. Nós vamos assim. Quando saíam os da primeira e da segunda...

São muitos, eram muitos alunos naquele tempo. A escola era cheia de rapazes. E nós embrulhamos no meio dos outros. Toca a fugir. Até que ele viu que não fazia nada, desistiu. Então aí eu consegui fazer exame e o professor um dia chegou-se ao pé de mim:

- "Ouve lá. Então vais fazer exame?"

- Vou.

- "Eu não tomo a responsabilidade."

- Não é preciso. Não é preciso. Eu hei-de me desenrascar.

Lá fui. Lá fiz exame. Fiquei bem, tenho na minha casa o diploma dessa data. Depois fui para barbeiro.

A Benfeita tinha duas escolas a nossa e a das raparigas. Não era tudo junto. A escola dos rapazes era onde está a casa da Junta. A professora vivia numa casa próximo da Igreja e lá é que tinha uma sala onde estavam as raparigas, onde ela dava escola.

Não sei porque se separava. Acho que era porque a escola aqui não dava para mais. Só dava para os rapazes. Mas aprendíamos o mesmo. Para brincar também não nos misturávamos. Os rapazes era no largo e as raparigas lá se divertiam como elas entendiam.

Religião "Fiz a catequese e a Primeira Comunhão"

Andei na doutrina, era cá na Igreja. Eram umas tias da minha mulher, que eram muito beatas, que ensinavam a doutrina. Outras vezes era o padre. Fiz a catequese e a Primeira Comunhão. Íamos no dia da festa na procissão. Uns eram vestidos de anjo, outros não eram. E então lá o padre fazia um diagnóstico do que a gente sabia e ia passando assim de um ano para o outro até que terminava.

Casa Uma casa para a família

A casa onde cresci era o que ainda é hoje. Agora já está um pouco modificada. Tinha no rés-do-chão um pátio. Depois tinha umas lojas. Em cima era a cozinha, tinha a sala, tinha dois quartos. Tinha uma dependência onde subiam três degraus do primeiro andar para esses quartos e foi aí onde eu nasci.

Aquilo era dos meus avós, do pai da minha mãe. Tinham dez filhos. Uns foram para Arganil, os outros por aqui viveram e morreram. E a minha mãe e o meu pai deixaram-nos a casa, a mim e ao meu irmão. Eu comprei o andar no cimo da casa, do prédio todo, vivíamos lá quatro habitantes. Vivía o meu pai, a minha mãe, o meu irmão e eu. Dormia no mesmo quarto que o meu irmão.

No resto da casa era uma tia minha e em cima outra tia minha.

Eu comprei essa casa há 50 anos e lá vivi.

Ofício Uma vida de trabalho

Depois da escola dediquei-me a barbeiro. O meu pai era barbeiro, criámos até uma oficina e barbearia. Depois, fui andando, fui andando, até que ingressei nos correios. Mas andei doze anos para fazer dois anos de serviço. Até que o meu pai deu um alqueire de milho de 15 litros. Mas havia fulanos que tiravam o alqueire da arca e muito bem. Outros vinham com a mão assim a tremer, a tremer, a tremer para o milho cair para dentro da arca. Aquele que estava acumulado, parte dele ia-se embora. Até que o meu pai disse:

- "Olha, ó António, eu vou aumentar a freguesia."

- Está bem. Isso é lá consigo.

- "Vou aumentá-los para "x". 80 escudos. Acabou o alqueire de milho e passam a 80."

Aqui na povoação do Sardal havia lá muita gente naquele tempo. Tínhamos lá muitos serralheiros e começaram a protestar porque dois meses no tempo do morango iam para Lisboa. E começaram a protestar que era muito, e que era assim, que era assado. E o meu pai disse assim:

- "Ah, mas estou a fazer isto por causa de ti, porque eu já não preciso disto."

Disse:

- Não. Dê cá a chave.

Fui à porta, entreguei a chave ao dono e acabou. Por mim acabou.

- "Então eu estou a fazer isto por causa de ti."

- Não faz mal. Eu pode ser que tenha a sorte de ir para os correios. Estou interessado nos correios.

Depois ingressei nos correios mas só nas folgas e andei 12 anos para fazer dois anos de serviço efectivo. É só nas folgas do colega, a fazer as licenças dos colegas e mais nada.

Era distribuir pelas terras as cartas, jornais, o que havia! Ia a diversas terras, a Côja, na vila e depois aí na redondeza. De um lado ia ao Vale do Carro, ao Salgueiral, Medas, Alqueve, Esculca, para Côja. Do outro lado, do lado daqui, vinha ao Pisão de Côja, vinha a Dreia a Deflores, a Cerdeira, a Vinhó, São João, para a estação. E aí atrasei a minha vida. Até que me saiu para a Ponte Mucela, é aqui a caminho de Coimbra. Ainda pertence ao concelho de Arganil mas é à beira do concelho de Poiares. E então aí estive lá um ano, um ano e quatro meses. Depois lá pedi ao chefe da secretaria. Lá andei com pedidos e tal até que vim aqui para Côja. E fui para a serra. Passei lá daquelas. Com neve, com vento e chuva, passava muitos dias, semanas inteiras. Mas lá andei até à reforma.

Namoro "*Já conhecia a prenda*"

Foi muito fácil conhecer a minha mulher. Eu era sacristão e ela ia à Igreja, até que um belo dia encontrei-a mesmo ao pé da Igreja:

- Ó Margarida, isto e aquilo e tal...

E ela aceitou. Depois namorámos algum tempo até que chegou o dia do casamento. Namorámos mesmo pouco tempo, mas eu já a conhecia. Já conhecia a prenda.



António e Maria Martins nas Bodas de Prata (1 de Fevereiro de 2002)

Casamento "*Sou casado há 56 anos*"

Fui pedi-la mas o pai dela e a mãe eram uns velhotes e o pai até era um tipo, daqueles homens antigos. Falei e ele assim:

- "Ah, isso é com ela. Isso é com ela."

E aquilo continuou. Eu ia lá a casa falar com ela e até que chegou o dia do casamento e felizmente não estou arrependido.



Filho Rogério, nora Adélia, neto Bruno, esposa Maria do Rosário, António e neto António José, nas Bodas de Ouro (1 de Fevereiro de 2002)

Casei no dia 11 de Fevereiro. Tenho um retrato do dia dos 50 anos. Foi um casamento daqueles casamentos antigos. Foi em casa até de um cunhado meu, irmão da minha mulher. Fez-se o almoço, fez-se o jantar e essa coisa toda. Comia-se carne fresca e outras com legumes, arroz, etc. Casei aqui na Benfeita. A festa também foi na Benfeita. O que eu digo, o almoço e o jantar foi em casa de um cunhado meu que tinha lá largueza para isso. Tinha uma sala grande onde estiveram os meus convidados e dela.

Eu sou casado há 56 anos. A minha esposa chama-se Maria do Rosário Simões. Felizmente temo-nos dado bem. É certo que há sempre às vezes umas coisitas e tal mas, felizmente...

Depois do casamento vivi quatro anos numa casa dentro da povoação da Benfeita. Depois compramos a casa e ali vivi até agora ao ano passado. O ano

passado já andava mal das minhas pernas. Fui a um médico e fui mal recebido, isto é, hoje ia este médico, mandava para outro. Do outro mandava para outro, e andava naquilo e dez consultas que fui ao Hospital da Universidade de Coimbra. Até que chegou o dia de me mandaram para a Ortopedia A. Não faltava nada. Comer e beber. Deitavam-me para a cama e fui operado. Houve um médico no Hospital da Universidade de Coimbra que disse:

- "O senhor tem que ser operado a este tendão, a esta perna."

Pronto. Sim senhora muito bem.

O médico que me operou fez aqui um traço por acima, coseu aquilo, aquilo sarou e eu fiquei com a perna neste estado. Não posso andar, não me seguro. Tenho uma nora impecável, vem aqui de manhã, levanta-me, veste-me, põe-me para a cadeira. Eu transporto-me da cadeira para aqui para a cama e arrasto-me e tal.

Descendência Rogério, António e Bruno



Filho Rogério, Adélia e netos

Um ano depois nasceu o meu filho. É o Rogério Simões Martins. Ele nasceu em Março ou em Abril, pela Páscoa.

O meu filho não é mau de feitio. Às vezes é um bocadito áspero e tal é o feitio como eu tenho também. Às vezes, a minha nora já me tem dito:

- "Que raio vocês, às vezes, não estão as coisas bem, você quer assim, quer assado."

E eu às vezes dou-lhe ordens e eles dizem:

- "Isso não é cá com a gente."

E pronto. Mas de resto sou bem tratado.

E a minha mulher e a minha nora fazem anos no dia 13 de Março. As duas no mesmo dia.

Tenho dois netos. Um está cá, o outro está em Castelo Branco e é gerente do Banco Mais. Um neto chama-se Bruno o outro é António José Simões Martins. São muito reinadios.



Neto António



Neto Bruno

Lugar *Benfeita*

Há quem diga que a Benfeita se chama Benfeita, porque a capela de Santa Rita tem oito esquinas. E dizem as lendas, suponho que até há qualquer coisa escrito, que passou aqui alguém:

- "Olha que coisa tão bem feita! Que capela tão bem feita."

E ficou Benfeita. Antes chamava-se Valverde.

"Balseiros" é como se chamam as pessoas da Benfeita. Coisas antigas. Como os Pardieiros são "Ralhadores", os do Enxudro são os "Cavaleiros", os do Pai das Donas são as "Burromões", os da Arruadas são os "Caiados". E assim sucessivamente.

A Benfeita antigamente era uma terrazita, no tempo de Simões Dias que diziam eles que era um lenço de três pontas. Era uma lá para cima, era outra para o largo e a outra para baixo. E o Simões Dias chamava àquilo um lenço de três pontas. Naquele tempo vivia-se aqui da agricultura. Plantava-se o milho, era

batata, era feijão, era hortaliças... Ainda hoje se faz, quem pode. Mas isto está quase tudo relva.

As casas eram de pedra, eram de lajes sobre os telhados, enfim. Era uma terra pobre. Depois foi a evolução dos tempos, a abertura da estrada. Um sujeito que é o Leonardo Matias é que foi o autor da estrada em 1931. Até tenho andado a ler essas notícias. Tenho um livro onde tem tudo isso, essas coisas antigas. Como eram as festas nesse tempo e outras coisas assim.

As festas e a Irmandade da Benfeita

A santa da freguesia é a Santa Cecília. É a santa padroeira. A festa é no dia 15 de Agosto. Lembra-me e tenho até um livro escrito com o que era e como era a festa. Quando éramos pequenos, quando eu era novo, vinha a música. Eu andava atrás dos outros, às vezes, a carregar as canas dos foguetes. E era assim. Havia procissão. Havia e há. Agora vem a música. A música toca na Igreja à hora da missa. E depois tem o grupo coral também. Temos um grupo coral muito jeitoso. Antigamente a procissão era no fim da missa e dava aqui a volta às ruas. O itinerário até é bastante grande. Os santos são a Santa Rita, a Senhora da Assunção, que é a padroeira da povoação, e a Santa Cecília, que é a padroeira da freguesia.

Temos uma irmandade que é a Irmandade da Senhora da Assunção e do Santíssimo Sacramento. Depois está a música até à tarde e tem conjuntos. A festa é no largo. Fizeram uma piscina que serviu no Verão. Pessoas de Côja vinham para aqui tomar banho no Verão. Chegaram ali a juntar à volta 100 pessoas no largo. Só que agora tiraram as comportas e quando for para o Verão tornam a pôr as comportas para trancar a água.

A irmandade faz enterros dos irmãos e faz enterros de quem lhe fala. Levam um "x" por cada funeral que fazem. Esse dinheiro reverte a favor da mesa da irmandade e para as despesas de cera e certas despesas que a irmandade precisa.

Milho, moinhos e fornos

O milho era para cozer broa. Tínhamos fornos, apanhava-se o milho, malhava-se, debulhava-se, secava-se ao sol e depois ia para casa para umas arcas de onde se tirava para o moinho moer. Havia moinhos da ribeira. A ribeira tinha seis moinhos que pertenciam à Benfeita. E tinha mais três que pertenciam a terras de cima, na mesma ribeira.

A água do de cima tocava o de baixo. Tinham um rodízio que era movido pela água, um rodízio com o que chamavam penas, com umas coisinhas onde a água batia, o que fazia rodar. Fazia rodar duas pedras, pedra de cantaria. Fazia rodar, o milho caía para dentro dessa pedra, era levantada um bocadinho, e aquilo saía a farinha do milho que depois servia para a broa.

Os moinhos eram mais para os donos mas emprestava-se também. Também havia moleiros. Havia aí dois, dois casais e mais um outro que não era da Benfeita mas esteve aí alguns anos, e moendas. A moenda tinha uma roda grande por fora que lá dentro movia duas ou três pedras. Movia ao mesmo tempo, pelo menos havia aí moendas onde havia três pedras a largar farinha. E as pessoas que não tinham moinho iam ao moleiro ou o moleiro vinha buscar o milho e vinha lá trazer a farinha.

A broa era amassada e ficava a levedar. Levava um bocadinho de fermento, ficava a levedar um "x" tempo e depois era tirada, faziam as broas, com uma coisinha de madeira chamavam as escudelas, ia para o forno, cozia e a gente comia.

O forno tinha por baixo lajeado de barro e era feito em tijolo em abóbada. Ali punham o lume a arder até que o forno estava quente. Quando estava quente apresentava uma cor diferente. Enfiavam para lá a broa, a broa era cozida e a gente comia-a depois ao almoço ou ao jantar, à merenda, etc. Quem tinha porcos também moía farinha para eles. No lugar do milho botava-se a farinha na lavagem e criava-se assim um porco ou dois.

"O dia da matança do porco era uma alegria"

O dia da matança do porco era uma alegria. Vinha o matador, o tipo indicado para matar o porco. Matava-se o porco, sangrava-se o sangue, carregava-se no pescoço. O sangue depois era para o enchido. No dia da matança do porco, em minha casa, fazia-se assim: vinha o matador, o porco depois de morto era estendido, eram chamuscado os pêlos, era lavado, raspado para ir a carne limpinha, lavadinha, esfolada. Fazia-se-lhe a barba como faziam os barbeiros, aos fregueses.

Havia uma coisa que chamavam o chamberil, metia-se-lhe nas patas traseiras, o porco era pendurado numa loja e então o matador do porco abria-o, tirava-lhe as partes que tinha que tirar para fazer as chouriças e torresmos. Na altura que o porco estava preparado para ir para a loja, para se pendurar, havia umas garrafinhas de vinho, havia umas postas de sangue cozido, punha-se um prato em cima do porco e era ali a festa, a primeira festa do porco.

Depois iam para a sala principal da casa, juntava-se a família, juntava-se o homem que matava o porco e ali comia-se e bebia-se.

O dia da Cobra

O dia da cobra, era uma lenda, em que no dia 1 de Maio as pessoas antigas não levavam nada para casa. Nem couves, nem essas coisas assim, não levavam nada para casa. Diziam que apareciam as cobras. E nem se ia ao mato. Eu, um belo dia, diz a minha mãe:

- "Ó António, tens que ir buscar um molho de mata."

- Então hoje?

- "Ah, não há nada, não há nada."

Eu fui, por ali acima, buscar um molho de mato, rocei o mato, pus na corda, vim-me embora, trouxe um molho. Cheguei a um certo ponto pusei ali um bocadinho num poiso, que era uma parede. E chego ao curral, atiro com o molho para o meio do chão e saltou de lá uma cobra por ali fora e eu disse para a minha mãe:

- Nunca mais vou ao mato nesse dia! Saltou lá do meio do mato uma cobra por aí abaixo.

A Torre da Paz tem um significado muito grande

A Torre da Paz tem um significado muito grande. Em 1944, houve um senhor que pensou em fazer uma homenagem ao Salazar quando terminou a guerra da Europa. Então para fazer isso, essa homenagem, pensou em fazer uma torre com uns sinos. Tem lá um sino que diz: "Este sino tocou pela primeira vez a anunciar o fim da guerra na Europa".

Em 1944 começaram a torre por ali acima, até que no dia em que acabou a guerra, no dia 7 de Maio, a torre ainda não estava completa.

Havia nesse tempo um relojoeiro, em Almada, que era aqui da freguesia de Pomares, que foi um grande artista de relógios. E fez um relógio adequado. Esse relógio tem um mecanismo, com uma roda que demora uma ano a dar a volta, não parando o relógio. Se parar tem que se acertar. A roda vai andando até que chega, tem um certo ponto, tem uma fendazinha, um gancho que trabalha em cima da roda, quando chega ali ao dia 7 de Maio cai para baixo, levanta a contadeira, a contadeira fica livre e o relógio dá as 1000 e tal badaladas. Tantos dias quanto durou a guerra.

Eu tratei daquele relógio cerca de 60 anos. Desde que ele para ali foi até agora há pouco que já não podia, foi sempre o meu ideal. Tratar do relógio, dar-

lhe a corda, limpá-lo, oleá-lo. E então, de vez em quando, quando era no dia 7 de Maio, já não é a primeira vez nem a segunda que aparecem pessoas da SIC e da TVI a perguntar-me informações. Eu, como vivia perto, nasci ali, vi colocar a primeira pedra na torre, acompanhei as obras até ao cimo, e então acompanhei o 7 de Maio.

O 7 de Maio em que o sino deu as primeiras badaladas, ainda estava a torre por acabar. Eu andava na fazenda, vinha com um molho de lenha, e botaram aqui foguetes. Eu não sei se vim pelo ar se vim pelo chão! Sei que peguei no molho e corri. Direito à torre. A torre ainda estava com andaimes. Já estava feita, já estava lá o sino, porque já se previa o fim da guerra e só o relógio é que não estava. Eu fui direito à torre para tocar o sino. Diz o presidente da Junta:

- "Alto! Quem dá as primeiras badaladas sou eu!"

Deu as primeiras badaladas em cima de um andaime.

O sino estava tapado com uma coisa em madeira para não lhe mexerem e então dali até à noite foi sempre tocar o sino, eu e os outros colegas. Depois fomos para uma taberna que aí havia.

E dali para diante, como eu vivia ao pé, tomei conta do relógio e digo com franqueza, hoje tenho pena de não tratar dele, mas já não posso. Mas considerava o relógio como se fosse uma pessoa íntima da minha família. E até que um dia, no dia 7 de Maio, a Junta fez ali um banquete, no largo aonde vieram os arquitectos, engenheiros, etc, e muita gente do povo, e eu era o sineiro, era o que tratava do relógio, foi um dia de fome que eu passei. Porque eu estava sentado na mesa, lá vinha o presidente da Junta:

- "Ó António, tens que ir ao sino. Olha estão aqui os da SIC."

Lá ia eu. Vinha por ali acima para lhe mostrar o relógio, para lhe explicar. Daí um bocado ia para baixo, sentava-me, outro:

- "Ó António, olha estão aqui de Côja, estão daqui e dali e tal, tens de lá ir."

E eu, toca de me levantar e ir até ao sino. Foi um dia de fome. Com tanto comer que lá havia, foi um dia de fome que eu passei.

Mas a torre é uma obra de muito valor, tem um relógio que não há nenhum em Portugal, nem na Europa, feito nesse tempo, e hoje também já não há. Dá 1620 badaladas.

Gastronomia

A comida de cá é o arroz, a massa, os feijões e as batatas. A chanfana é a carne mais antiga. A chanfana é aquela carne da cabra. E é isso que se faz pelas festas. Durante o ano come-se de vez em quando, mas come-se cabrito, ou come-se borrego.

Os doces são o arroz-doce e é a tigelada. O arroz-doce da Benfeita é de se lhe tirar o chapéu. Feito aqui pela minha nora. Mesmo no centro de dia há lá quem faça o arroz-doce mas a gente diz logo:

- "O arroz-doce não foi feito pela Adélia."

Simões Dias

Sei coisas do Simões Dias. Tenho andado até a ler coisas dele, mesmo no tempo em que ele era novo, enquanto andou na escola. Depois da escola foi para Pedrógão Grande estudar para casa de um tio que era padre. Diz o livro que andou a estudar para padre e não seguiu. Seguiu aquele curso, Letras.

É conhecido pelo poeta Simões Dias e tem uma casa onde nasceu. Essa casa era de uma cunhada minha, foi vendida para a Câmara para fazer um museu de Simões Dias. Já está apetrechada com diversas coisas, mas ainda não abriu.

A Liga de Melhoramentos

A Liga de Melhoramentos faz melhoramentos. Ajuda. Mas agora até tem estado fechada. Puseram outra direcção e a direcção tem estado parada. Não sei porquê. A casa da Liga é alugada pelas festas, para um casamento, para um baptizado.

A música quando vem em Agosto vai lá comer. Os mordomos alugam a casa. Tem um salão grande aonde dão os almoços. Já que não há uma pensão ou num restaurante as pessoas adaptam para ser feito ali.

"A Benfeita é como um museu"

A Benfeita é como um museu, uma coisa antiga. Tem uma boa estrada. Além da estrada, tem essas coisas antigas, tem o turismo que é muito visitado. Tem um caminho por essas penedas fora, por esses pinhais, para o turismo.

Eu gosto da Benfeita. Nasci cá e cá hei-de morrer, se Deus quiser.

Pouco tem de bonito agora a Benfeita. As pessoas que vêm de fora, os turistas adoram essas quelhadas, esses cômoros, essas paredes. É o que eles adoram mais. De resto estamos aqui enfiados num buraco. Tem serras em toda a volta! É um terra que tem muito olival. Tem duas ribeiras muito boas, com muita água. E está inserida nas Aldeias de Xisto. As Aldeias de Xisto são as casas antigas de pedra e de telhados de laje, como há no Piódão. O xisto é coisa antiga.

Quotidiano *O dia-a-dia*

O meu dia, levanto-me, a minha nora traz-me o leite. Nunca tomei uma bica nesse café nem noutros. Não adoro aquilo. E então traz-me aqui uma tigelazinha boa, cheia de leite com pão trigo ou com centeio ou assim. E é o meu pequeno-almoço. Depois venho para a cadeira e vou até ao centro.

Venho do centro e vou até ao café, às vezes, há dias. Outros dias não. Outros dias entretenho-me na televisão e é assim a minha vida. Não tenho mais nada a fazer. Não posso ir para lado nenhum.

De dia ando por aqui e por ali, vou para o centro. Mas a minha nora trata muito bem de mim. Tanto de mim como da minha mulher. É impecável mesmo.

Escrevo para o Jornal de Arganil. Em 1992-93, houve um amigo que trabalhava no jornal:

- "Tens que começar a escrever coisas da Benfeita."

- Eu só tenho a quarta classe, não tenho categoria para escrever.

E não escrevo artigos de certo valor. O que eu escrevo é algum baptizado, algum casamento, alguma obra que se fez. Essas coisitas.

Sonhos "*Não sonho nada*"

Já não sonho nada. Consegui fazer tudo o que gostava.

Avaliação "*Serão de importância para nós*"

Eu acho que estes dados que vocês estão a fazer serão de importância para nós, para a Benfeita, para estas redondezas para este turismo, para estas coisitas assim. Porque levam uns certos elementos que não há aqui ninguém praticamente na Benfeita que se meta nesses assuntos, só eu. Eu era atrevido.